

ODEBRECHT ASSESSORIA DE IMPRENSA	Folha da Bahia		
	PÁGINA 06	DATA 07/02/2006	CLASSE
CORREIO DA BAHIA	AVALIAÇÃO		DOCUMENTO
	AVALIAÇÃO		DOCUMENTO

Patrimônio neoclássico

Tese de museólogo prova que a maioria das igrejas da Bahia não tem estilo barroco



Retábulo-mor da Igreja do Santíssimo Sacramento, na Rua do Passo: risco de desaparecimento é alertado pelo respeitado museólogo Luis Alberto Freire Ribeiro

A maioria das pessoas - sobretudo nós, baianos - costuma imaginar que as igrejas da Bahia são todas, ou quase todas, barrocas. Acontece, porém, que essa afirmativa não é verdadeira. As nossas igrejas são, em maior parte, do estilo neoclássico.

Pode parecer estranho, mas essa verdade está provada e muito bem documentada na tese de doutorado do competente e bem informado estudioso do assunto, o museólogo Luis Alberto Freire Ribeiro. Luis Freire é doutor em História da Arte, formado pela Universidade do Porto, Portugal, e atualmente é professor de História da Arte Brasileira da Escola de Belas Artes da Ufba.

Em 2005, ganhou o Prêmio Clarival do Prado Valladares, oferecido pela Organização Odebrecht e destinado a financiar projetos de pesquisa que, por sua contribuição à compreensão da história econômica, da evolução sociopolítica e da criação artística brasileira, sejam merecedores de apoio para desenvolvimento e publicação. Por conta disso, Luis Freire está tendo a possibilidade de ampliar e aprofundar a sua importante pesquisa, e o que é fundamental, a oportunidade de publicar esse trabalho e torná-lo acessível ao grande público.

A pesquisa da tese, intitulada A talha neoclássica na Bahia, foi iniciada em 1995. No período de 1997 a 2000, Luiz Freire realizou curso de doutorado em Portugal, regressando em seguida para Salvador, onde continuou seus estudos sobre o assunto e retomou suas atividades na Escola de Belas Artes, inclusive coordenando o curso de mestrado.

Durante a primeira etapa da pesquisa, quando cadastrou a ornamentação das igrejas, pesquisou os arquivos das irmandades e efetuou leituras para fazer as análises sobre os estilos e as formas, Freire teve a noção da quantidade de informações que ainda poderiam

ser reveladas. Foi então que se inscreveu no concurso promovido pela Organização Odebrecht e tornou possível a ampliação da sua pesquisa, trazendo à tona a história que está submersa nos documentos guardados no Arquivo Público, no arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador e no que ainda resta dos arquivos das irmandades baianas.

"As igrejas da Bahia, na sua maioria, foram reformadas no século XIX. Embora o produto da reforma seja híbrido e contenha aspectos estilísticos do barroco e do rococó, em pontos fundamentais ele é neoclássico. E, na verdade, ninguém sabe se antes era barroco, porque não existem registros. Eram feitas as reformas e destruído o que havia antes", afirma Luiz Freire, que também faz questão de observar: "É claro que temos alguns conjuntos ornamentais barrocos importantes como a Igreja de São Francisco e a Sacristia do Convento do Carmo. A Sacristia do Pilar já é um barroco com soluções rococó".

A partir de suas pesquisas, o professor e doutor no assunto afirma que, no Brasil, os grandes centros do neoclássico foram a Bahia e o Rio de Janeiro, sendo que na Bahia existe uma movimentação contínua e singular das formas, facilmente identificável, enquanto no Rio essa visão é bem mais pulverizada.

Luiz Freire cita, para reforçar as suas afirmativas, o estudo do museólogo francês Germain Bazin, realizado em 1940, no qual foi levantada a questão da quantidade e da qualidade da talha neoclássica na Bahia. Bazin publicou esse estudo em 1953, sob o título Arquitetura religiosa barroca no Brasil. "Bazin não se aprofundou mais no assunto, porque o seu objetivo era o barroco e não o neoclássico".

Para um estudioso que tem pesquisado com tanto carinho e dedicação, esse patrimônio tão valioso deixa uma grande interrogação. Até quando ainda será possível ver essas obras de arte? "O patrimônio está quase todo destruído, mesmo o que foi restaurado, foi pessimamente restaurado por maus profissionais", lamenta Freire.

Indagado sobre exemplos de má conservação, o museólogo cita de imediato dois, que são monumentos de primeiríssima qualidade, entregues ao descaso. "Só de memória e de imediato posso indicar o conjunto ornamental da Igreja do Pilar - que é a maior obra do entalhador Joaquim Francisco de Mattos Roseira, nascido em Cachoeira e que tem seu nome citado em registros realizados a partir de 1818, vindo a falecer em 1865 - e a Capela mor do Santíssimo Sacramento, na rua do Passo. Está tudo em vias de desaparecimento".

O minucioso trabalho que está sendo realizado por Luiz Freire e sua equipe, com os tratados arquitetônicos e ornamentais dos séculos XVI, XVII e XVIII, revela muito dos modelos que serviram de inspiração para os artistas criarem os púlpitos e os retábulos das nossas igrejas. É possível traçar a evolução das formas, desde o percurso do modelo na Europa até chegar ao Brasil. "Essas criações eram baseadas em modelos feitos na Europa, mas na verdade não eram cópias, e sim reinterpretações feitas através de gravuras que serviam como meio de comunicação de massa dos estilos artísticos".

São muitas as novidades reveladas e que chegarão ao conhecimento do grande público quando for lançado, ainda no decorrer deste ano, o livro com as conclusões da pesquisa sobre a Talha Neoclássica na Bahia. Luiz Freire prefere deixar o público curioso e ansioso pelo resultado da sua tão elogiada pesquisa.